



# Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## A Brasília de Bracher

A família do artista plástico Carlos Bracher é de Diamantina, a cidade em que nasceu Juscelino Kubitschek, o criador de Brasília. A avó de Bracher morava em frente à casa da mãe de JK. Desde os tempos de criança, ouvia histórias do Nonô, apelido de JK na família. Corria a fama que era muito inteligente, acordava cedo, desde os 6 anos, para ler.

Depois, Bracher acompanhou pelas revistas as matérias sobre a construção de Brasília, quando era adolescente. Em 1962, visitou Brasília pela primeira vez e sentiu a vontade de pintar a cidade. No entanto, esse desejo só se realizaria em 2007. Ele passou um ano na cidade, pintou próximo aos monumentos, no meio das praças, em meio aos passantes brasilienses.

Foi uma experiência inesquecível. Bracher pintou 66 quadros, e a série foi registrada no documentário *Âncoras aos céus*, dirigido pela filha Bluma Bracher. Carlos é impregnado do barroco de Minas. Embora a arquitetura de Niemeyer seja forjada no concreto, ele tem uma alma barroca, que se manifesta na

Catedral Metropolitana, no Congresso Nacional, no Palácio Alvorada ou no Supremo Tribunal Federal.

Mas a porta de entrada da pintura de Bracher foi a beleza do céu de Brasília. Mesmo quando ele pinta os monumentos, a esfera celeste se mistura ou se infiltra inapelavelmente nos monumentos: “Os criadores de Brasília inventaram prédios com espaço para nuvens”, escreveu Clarice Lispector. Bracher estabeleceu um contraste dramático com a arquitetura de Oscar Niemeyer.

Niemeyer propõe-nos a leveza, o sentido musical da arquitetura, observa Bracher em catálogo sobre a Série Brasília. Não poderia ir pela beleza, propria-

mente, mas pela percepção de uma certa tragicidade: “Os céus e os abismos me assinalaram a vereda expressionista da força da cidade. É como eu poderia expressá-la. Não pela doçura das faces e dos brancos intangíveis, mas pela intensidade viril dos negrimes, da energia que move as cores escuras”.

A Catedral Metropolitana, o Museu da República, a Igreja da 308 Sul e a Ponte JK são transfiguradas pelas pintadas convulsivas e dramáticas de Bracher: “Niemeyer é o branco, a pureza das formas que se saltam no espaço em busca da liberdade; eu sou o quase-negro das coisas que se assentam bruscas, como aquela tonalidade fatal,

quando a revelação dos enigmas se toca pela tempestuosidade do gesto, pela frondosidade da oposição da beleza em si, em minha estética”.

É como se Bracher quisesse registrar, não a descrição formal dos prédios, mas “a essencialidade imaterial de cada lugar”. Em vez de aferrarem-se a frases feitas e lugares comuns, os artistas interagiram com a cidade e foram os que compreenderam melhor Brasília. A série produzida por Bracher enriqueceu o acervo iconográfico da cidade e imprimiu uma alma dramática, densa, barroca e convulsiva a Brasília, subterrada embaixo da placidez das formas da arquitetura de Niemeyer.

**COTIDIANO /** Capivaras são um dos principais hospedeiros, e brasilienses registram aumento de picadas com a chegada da seca

# Alta incidência de carrapatos

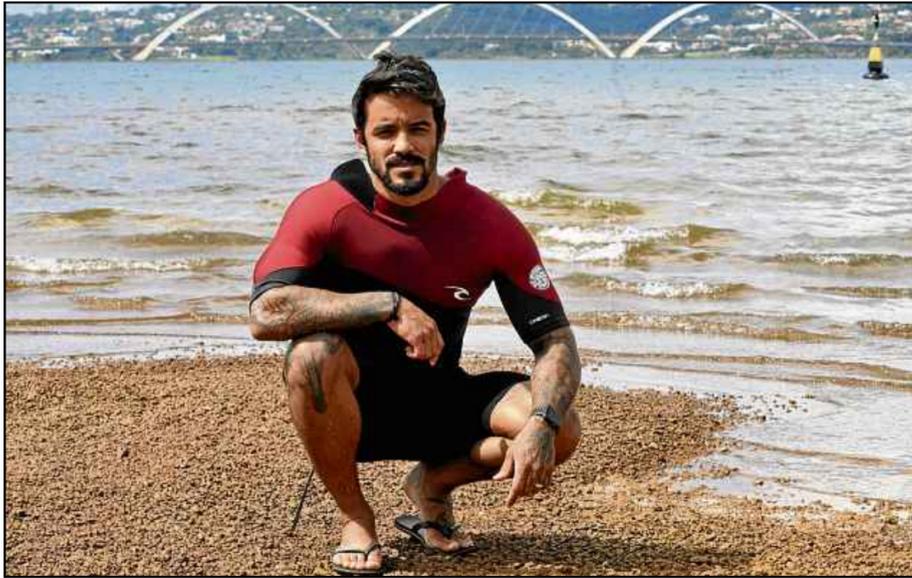
» ANA MARIA DA SILVA

Os brasilienses que gostam do contato com a natureza, seja frequentando cachoeira, parque ou fazendo turismo ecológico, precisam ficar atentos. Além da baixa umidade, a chegada da seca no Centro-Oeste traz outra preocupação: o aparecimento de carrapatos. A partir do mês de maio, aumenta o risco de picadas desses ácaros, que podem gerar coceiras e, até mesmo, reações inflamatórias, sendo necessário o uso de antibióticos.

Foi o que aconteceu com o empresário e praticante de kitesurf André Coelho Araújo, 34 anos, que recentemente foi picado por um carrapato na Orla do Lago Paranoá. “Sempre que tem vento vou pra lá. Costumo velejar próximo à Concha Acústica”, diz. Na última semana, André aproveitou a ventania na capital para velejar. “No sábado, deu uma diminuída no vento, e fiquei na grama da orla de 8h até 12h. Arrumei o equipamento e fui embora pra casa”, explica.

No mesmo dia, o empresário começou a sentir coceira na perna. “Pensei que não fosse nada, até que no dia seguinte a coceira aumentou e abriu feridas. A dermatologista explicou que à medida que vai coçando, vai espalhando a bactéria para outros locais,

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O empresário André Coelho foi recentemente picado por um carrapato na Orla do Lago Paranoá

levando sujeira e abrindo buracos na perna”, ressalta. Além da coceira, André diz que as feridas começaram a ter pus, enquanto fazia uso de uma pomada cicatrizante. As feridas só melhoraram após André fazer uso de antibiótico durante sete dias. “É preciso ter controle. A dermatologista comentou que, aqui no DF, muitos casos de picada de carrapato e pulga estão aparecendo”, pontua.

De abril a julho, é comum encontrar larvas de duas espécies de carrapatos, sendo elas *Amblyomma sculptum* e *Amblyomma dubitatum*. Na fase inicial, eles são larvas, que irão se transformar em ninfas e mudam para adultos jovens, que amadurecem sexualmente e se transformam em machos e fêmeas, conforme explica o professor responsável pelo Laboratório de Parasitologia e Doenças

Parasitárias, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), Gino Chaves da Rocha.

## Capivaras

De acordo com o especialista, essas espécies de carrapatos parasitam o corpo de capivaras e podem deixar seres humanos expostos ao parasitismo. “As ca-

pivaras são conhecidas como animais de vida livre, e se aproximam do ambiente humano, como é o caso do DF Próximo à Orla do Paranoá, existem muitas residências, que proporcionam o ambiente perfeito para esses animais, uma vez que tem a água e hortas ou vegetações, que servem de alimentação para eles”, pontua.

Segundo o professor, os carrapatos são vorazes tanto para o corpo humano quanto para os animais. “No caso do homem, a própria picada já causa uma reação inflamatória, porque a saliva do carrapato tem componentes que estimulam isso. Agora, imagina se for alérgico? A coisa complica, porque você vai desenvolver uma reação de hipersensibilidade, que pode ocasionar uma reação inflamatória no local da picada. Vai coçar muito e, por isso, abre feridas, que podem predispor o aparecimento de infecções bacterianas”, acrescenta.

De acordo com Gino, nos últimos anos muitos falam da doença do carrapato, conhecida como febre maculosa brasileira. Porém, existem estudos recentes que comprovam que os carrapatos das capivaras do DF não possuem *Rickettsia rickettsii*, bactéria responsável pela transmissão da febre maculosa brasileira. Sendo assim, a Secretaria de Saúde enfatiza que todo o mane-

jo das áreas e animais com carrapatos deve ser acompanhado de um profissional, e em nenhuma hipótese o animal deve ser abatido indiscriminadamente. Tanto os maus-tratos ou morte de animais domésticos e silvestres são crimes previstos em lei. A capivara é um animal silvestre e protegido por lei.

## Monitoramento

O biólogo Israel Martins explica que o trabalho da Vigilância Ambiental dá-se no âmbito da educação e orientação. “Não aplicamos inseticidas no ambiente e nos animais. Até porque o uso de carrapaticidas no ambiente não é recomendado por ser uma medida de controle pouco eficaz, principalmente se utilizada como única estratégia de controle”, informa Israel, que esclarece que a utilização de produto químico só deve ser feita na situação de grande infestação em áreas com a transmissão da febre maculosa.

A recomendação é para que os carrapaticidas sejam usados apenas em hospedeiros como os cães, equinos e bovinos, mas com a supervisão de um médico veterinário. O controle nos animais deve ser feito junto com o manejo da vegetação, isto é, a manutenção da vegetação baixa o suficiente para não servir de abrigo para os carrapatos.

## »» Prevenção

É recomendado o uso de calças, botas e blusas com mangas compridas ao caminhar em áreas arborizadas ou com grama. Evite andar em locais com grama ou vegetação alta e sempre usar repelente contra insetos. Para quem tiver animal de estimação, é recomendado verificar se há presença de carrapatos sempre que o animal ficar exposto à área de risco. Para remover o carrapato, é recomendado o uso de uma pinça. Não se deve apertar ou esmagar. Depois, lavar com álcool ou água e sabão o local onde o carrapato picou.

# DF não é endêmico para febre maculosa

No Brasil, a febre maculosa é uma doença de notificação imediata. Entre os principais sintomas da doença estão febre elevada, cefaleia, dores musculares intensas e prostração. Em seguida ao aparecimento desses sinais, o paciente pode ainda apresentar manchas avermelhadas, chamadas de erupções cutâneas, chamando a atenção o envolvimento das palmas das mãos e plantas dos pés.

Mais comum nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, somente três

casos de febre maculosa foram registrados no Distrito Federal, sendo um caso em 2005, outro em 2006 e o terceiro em 2016, conforme os dados do Ministério da Saúde. Nenhum óbito foi registrado nesse período. É uma doença infecciosa, febril e pode variar desde as formas clínicas leves e atípicas até formas graves, com possibilidade de morte. A bactéria que causa a febre maculosa é a *Rickettsia*.

A transmissão da bactéria para

humanos acontece enquanto o carrapato suga o sangue para se alimentar, liberando saliva que infecta a corrente sanguínea. Para que isso aconteça, é necessário que o carrapato fique grudado na pessoa de quatro a seis horas. Os sintomas aparecem entre o segundo e o décimo quarto dia da contaminação, mas a doença não é transmitida de uma pessoa para outra.

Ao longo dos últimos anos, constatou-se que essa bactéria tem como principais hospedei-

ros capivaras, cavalos e cães. Mas, recentemente, uma dissertação de mestrado em ciências animais, feita pela estudante da Faculdade de Agronomia e Veterinária da UnB, Ana Paula Nunes de Quadros, identificou que os carrapatos encontrados em capivaras do DF não possuem bactérias que transmitem a febre maculosa. O estudo, que recebeu o nome de *Pesquisa de Riquetsias em capivaras (Hydrochoerus Hydrochaeris) de vida li-*

vre do DF, foi feito em 2020.

Conforme explicado na pesquisa, a região do DF não é endêmica para febre maculosa. “Apesar de aqui ter capivara e carrapato, como todas as outras áreas do Brasil que possam ser endêmicas para febre maculosa, a nossa região não é endêmica, porque a nossa espécie de carrapato não está associada à espécie *Rickettsia rickettsii*, que é causadora da febre maculosa”, explica a pesquisadora.

## »» Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

Sepultamentos realizados em 4 de maio de 2021.

### »» Campo da Esperança

Adair José da Silva, 49 anos  
Alamir Mesquita, 77 anos  
Ana Rita Serra Almeida, 60 anos  
Antônia Silva Matos, 39 anos  
Antônio Carlos da Silva, 73 anos  
Aurélio Crispim Gonçalves Neto, 41 anos  
Claudinete Oliveira Barbosa, 33 anos  
Danielle Torres Araújo, 35 anos  
Djanira Pereira Junior, 76 anos  
Eliza Batista Lima, 72 anos  
Hodeva França Leite, 66 anos  
Jefferson Vieira do Nascimento, 53 anos  
João Lineu da Silva, 78 anos  
Jucelino Costa Santos, 40 anos  
Leonardo Maciel dos Santos, 37 anos  
Lindalva Alves da Paixão, 53 anos

Marcellus David Monturil Rego, 61 anos  
Maria de Lourdes de Jesus, 82 anos  
Maria Emília da Silva Santos, 88 anos  
Milena Teodoro Araújo Sampaio, 49 anos  
Mirtes Andrezina da Silva, 65 anos  
Nestor Kozan, 61 anos  
Pedro José da Costa Melo, 66 anos  
Vânia Elizabeth Faria Pinto, 62 anos  
Vilma Silveira da Silva, 91 anos  
Zoraide Roque, 85 anos

### »» Taguatinga

Alzino Lázaro de Medeiros, 74 anos  
André Luiz da Luz Albuquerque, 47 anos

Antônio Ramos Castelo, 71 anos  
Bernarda da Silva Costa, 81 anos  
Carlos Alberto Ribeiro Cândido, 53 anos  
Francisco Pereira Gonçalves, 64 anos  
José Antônio de Oliveira, 60 anos  
José Elias Barbosa, 87 anos  
Lúcia Izildinha de Souza, 53 anos  
Luzia Gonçalves de Albuquerque, 90 anos  
Magno Freire de Souza, 52 anos  
Manoel Marques da Silva, 69 anos  
Manoel Pereira de Oliveira, 77 anos  
Maria das Mercês Barreira Bessa, 70 anos  
Kawanny Mell Peixoto Tavares, menos de 1 ano

Lilyth Kaylane Alves Ferreira, menos de 1 ano  
Neuza de Fátima Ferreira dos Santos, 62 anos  
Romerio Lima Portela, 50 anos  
Thamires dos Reis, 33 anos  
Valderi Pereira da Cruz Souza, 40 anos  
Valdson Silva de Souza, 38 anos

### »» Gama

Adegiso Rodrigues da Silva, 86 anos  
Antônia Livramento da Rocha, 66 anos  
Domingos Antônio Brune, 72 anos  
Hélio Barbosa Dias, 47 anos  
Hélio Filomeno Oliveira da Silva, 49 anos

Pedro Pereira dos Reis, 77 anos

### »» Planaltina

João Alves de Almeida, 85 anos  
Odilon Pereira da Silva, 83 anos  
Otilia Alves de Andrade, 96 anos  
Raimundo Pereira da Costa, 84 anos  
Valdemar de Sousa Cruz, 89 anos

### »» Brazlândia

Magnólia Alves da Rocha, 65 anos

### »» Sobradinho

Antônio Soares Maranhão, 95 anos  
Filipe Silva de Oliveira, 36 anos  
Hosana Pereira de Lucena, 44 anos

Marcos Geraldo Fortes, 68 anos  
Elayne dos Santos da Silva, menos de 1 ano  
Raimundo dos Santos, 71 anos

### »» Jardim Metropolitano

José Jesuino de Souza Filho, 30 anos  
Creusa Pereira Góes, 67 anos  
João Reinaldo da Costa, 91 anos  
Julio Maria de Oliveira, 94 anos (cremação)  
Adelmar Pereira de Souza, 74 anos (cremação)  
Dêa Lucia de Santana Alves, 55 anos (cremação)  
Marcia Aparecida de Souza Pacheco, 60 anos (cremação)  
Mariano Eleuterio Verdecia Salgado, 81anos (cremação)